

## RAP DE IMPROVISO: rimas do conhecimento para o ensino de meio ambiente

### IMPROVISED RAP: knowledge rhymes for teaching the environment

Ana Karoline dos Santos<sup>1</sup> - IFB  
Mayara Lustosa de Oliveira Barbosa<sup>2</sup> - IFB  
Agrinaldo Jacinto do Nascimento Junior<sup>3</sup> - IFB  
Juliana Rocha de Faria Silva<sup>4</sup> - IFB

#### RESUMO

A legislação brasileira sobre a Educação Ambiental estabelece que a sua inserção no contexto escolar deve acontecer em todos os níveis e modalidades de ensino e de forma integrada e articulada. Considera-se que jovens se engajam em movimentos culturais diversos a exemplo do hip-hop. Neste artigo, descrevem-se técnicas de elaboração de rimas como recurso didático para o ensino de meio ambiente. A partir do relato das experiências de Mestres de Cerimônias (MCs) em batalhas de rimas, elaboram-se estratégias de ensino na forma de uma sequência didática. Os dados são analisados na perspectiva do método de análise de conteúdo e revelam que existe uma similaridade na aquisição de técnicas de construção e improviso de rimas e nas vivências escolares de jovens. Os resultados trazem contribuições para o âmbito educacional, uma vez que proporciona o enriquecimento de ferramentas pedagógicas e propostas interdisciplinares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de ciências; Rap de improviso; Batalhas do conhecimento.

#### ABSTRACT

The Brazilian legislation on Environmental Education establishes that its insertion in the school context must happen in all levels and modalities of education and in an integrated and articulated manner. Young people are engaged in various cultural movements, such as hip-hop. In this article, we describe techniques for the elaboration of rhymes as a didactic resource for teaching the environment. Based on the experiences of the Masters of Ceremonies (MCs) in rhyme battles, teaching strategies are developed in the form of a didactic sequence. The data are analyzed from the perspective of the content analysis method and reveal that there is a similarity in the acquisition of techniques of construction and improvisation of rhymes and in the school experiences of young people. The results bring contributions to the educational field since it provides the enrichment of pedagogical tools and interdisciplinary proposals.

**KEYWORDS:** Science education; Freestyle; Battles of knowledge

DOI: 10.21920/recei72023929199221

<http://dx.doi.org/10.21920/recei72023929199221>

<sup>1</sup>Graduada em Licenciatura em Biologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. E-mail: [anakarolinedossantos8@gmail.com](mailto:anakarolinedossantos8@gmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1234-2166>.

<sup>2</sup>Doutora em Biologia Celular e Estrutural pela Universidade Estadual de Campinas. Professora EBITT no IFB, e Professora do quadro permanente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino para Educação Básica do Instituto Federal Goiano. E-mail: [mayara.barbosa@ifb.edu.br](mailto:mayara.barbosa@ifb.edu.br) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3356-0998>.

<sup>3</sup>Doutor em Química pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Coordena o Grupo de Pesquisa Transdisciplinar Josué de Castro e o Laboratório de Realidade Integrada (LARI) do IFB. E-mail: [agrinaldo.junior@ifb.edu.br](mailto:agrinaldo.junior@ifb.edu.br) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9717-926X>.

<sup>4</sup>Doutorado em Ciência da Informação pela UnB. Professora de ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). Lidera o Grupo de Pesquisa Transdisciplinar Josué de Castro e o Laboratório de Realidade Integrada (LARI) do IFB. E-mail: [juliana.silva@ifb.edu.br](mailto:juliana.silva@ifb.edu.br) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1834-2805>.

## INTRODUÇÃO

Todas as espécies de seres vivos entendidas como biodiversidade, ou diversidade biológica, têm relação com a variedade de formas de vida em todos os níveis, desde microrganismos até a flora, a fauna e a espécie humana (ALHO, 2012). Esse é um dos motivos pelos quais é necessário manter e preservar a variedade de vida no planeta Terra, em outras palavras, essas formas de vida dependem umas das outras e são fundamentais para o equilíbrio biológico. O Brasil, apesar de possuir uma grande riqueza de espécies de animais e vegetais, apresenta uma gradativa perda de seus recursos essenciais em decorrência de falhas de processos de atividades direcionadas a sustentabilidade, ao crescimento populacional, ao desmatamento e à pobreza generalizada (LOGOS, 2005). A qualidade dos recursos ambientais dos biomas brasileiros tem sido afetada pela ação humana que tem impactado diretamente acarretando graves consequências para o meio ambiente e para a qualidade de vida das pessoas, tais como: aumento de queimadas, riscos de assoreamentos de rios, ocorrência de alagamentos, propagação de zoonoses e doenças vinculadas à água contaminada, aumento de problemas respiratórios, crescimento de incidência de pragas agrícolas e vários outros impactos (HENRY-SILVA, 2005).

Spadotto (2002) define impacto ambiental como as alterações causadas pelas atividades humanas, através de processos químicos, físicos e biológicos no meio ambiente e que afetam o bem-estar social e a biodiversidade mundial. Além disso, “ocorrem impactos com o aumento da produção de sedimentos pelas alterações ambientais das superfícies e pela produção de resíduos sólidos” (MUCELIN, 2008, p. 5). Nos últimos cinquenta anos, os impactos ambientais no Brasil e no mundo todo aumentaram em razão do crescimento na construção de casas, de indústrias e de vários outros estabelecimentos. A expansão das cidades ocasiona o maior acúmulo de resíduos sólidos, alagamentos e as enchentes nas ruas.

Outro fator que contribui para o impacto ambiental é a expansão do capitalismo, que torna frequente a utilização e exploração dos recursos naturais em maior quantidade e de forma predatória. Para Marcatto (2002), essa expansão faz com que os processos de degradação sejam baseados em um modelo de exploração complexo e predatório que utilizam os recursos naturais sem assumir o papel de manter o equilíbrio ambiental. Os princípios fundamentais como o desenvolvimento sustentável, preservação, acesso igualitário aos recursos naturais e manutenção da fauna e da flora não são priorizados pela ação humana. Logo, a falta de consciência coletiva acarretou acontecimentos negativos que afetam de forma drástica o equilíbrio ambiental.

A falta de consciência em relação aos cuidados essenciais para a preservação do planeta Terra, é uma das maiores causas dos impactos ambientais. Assim, é de fundamental importância abordar temas relacionados à preservação ambiental dentro do ambiente escolar. Isso porque, a partir do meio educacional, o aluno adquire uma melhor compreensão e visão de mundo para lidar com fatores externos, e que pode contribuir ao longo de toda sua vida com hábitos sustentáveis. Além disso, o estudante muitas vezes torna-se, em casa, um multiplicador do conhecimento adquirido no ambiente escolar. Santos (2009) defende que a questão ambiental não está direcionada apenas à relação dos seres humanos com o meio em que vivem, mas considera imprescindível a reflexão da relação entre o meio ambiente com os hábitos e os costumes. Portanto, costumes sustentáveis familiares são decisivos para a qualidade de vida e a possibilidade de melhor qualidade de vida para gerações futuras.

Contudo, nas escolas, o ensino unicamente tradicional pode dificultar o interesse dos alunos pela temática do meio ambiente. Em geral o professor transmite seu conhecimento apenas de maneira expositiva, o que diminui a chance de o aluno participar ativamente do processo de aprendizagem. De acordo com Nogueira (2012), a aula tradicional pode apresentar uma menor

aceitação pelos estudantes, já as atividades contextualizadas e lúdicas podem despertar um interesse maior pelo aprendizado. Sendo assim, abordar essa temática de maneira dinâmica e contextualizada pode não somente facilitar o processo cognitivo dos alunos, mas permitir que o conteúdo seja realmente aprendido e aplicado. Estudos mostram a preocupação por um ensino de meio ambiente que integra vários métodos ativos e recursos didáticos – trilha ecológica, mapa mental, prática de campo e elaboração de projeto – permitem não apenas atividades mais contextualizadas, mas o aprofundamento do conhecimento e das concepções ambientais dos estudantes (SALDANHA et al., 2021; DANTAS; TORRES, 2020; REPOLHO et al., 2018; MACIEL; GÜLLICH; LIMA, 2018).

Uma das possibilidades de tornar a abordagem mais dinâmica seria envolver a interdisciplinaridade. Tal proposta vai ao encontro do exposto na literatura, tendo em vista que a Educação Ambiental não deve ser entendida como disciplina, “mas um processo que permite ao tema meio ambiente permear todos os conteúdos e práticas, de modo a propiciar as interações e inter-relações entre as várias áreas do conhecimento” (SILVA, 2008 p. 14).

A escola pode ser um dos canais para sensibilizar estudantes e a comunidade com relação à importância da conservação do meio ambiente. Partindo do pressuposto apresentado por Silva (2008) e aliado à clara conexão que o tema possui com as Ciências da Natureza, podem-se incluir as artes para auxiliar nesse processo de sensibilização. Assim, a interdisciplinaridade pode ser o um meio para unir a Educação Ambiental ao *hip-hop*. Tal como exposto por Ferreira (2005, p. 58) em comentário sobre o hip hop, “é comum também, encontrar professores que veem nesta manifestação cultural um caminho para aproximar-se dos alunos, chegando a utilizá-lo como recurso pedagógico”.

Pesquisas trazem propostas interdisciplinares para o ensino de Geografia e de História envolvendo desde a Educação Básica até o Ensino Superior nos cursos de Licenciatura (LEAL, 2022; TEIXEIRA, 2020; MONTEMEZZO, 2018; SILVA; SOUTO, 2018; CAMPOS, 2008). Para os autores, o uso de canções de rap para o ensino de suas componentes curriculares contribui para o envolvimento dos estudantes e o aprimoramento dos debates em sala de aula; a associação mais clara das reflexões acadêmica com a realidade; a percepção das interfaces socioculturais e educacionais do rap; a significação por meio das músicas permitindo o diálogo com a realidade e um potencial veículo de educação; a construção do conhecimento e da análise crítica; a interdisciplinaridade considerando a relevância de cada componente com suas habilidades e competências; e as fonte histórica a se problematizar determinado fato histórico, gerando reflexão e novos saberes, além de permitirem um leque amplo de discussões como relações étnico-raciais, violência, democracia, identidade afro-brasileira, espaços urbanos entre outros.

O movimento *hip-hop*, em conjunto com outras propostas de ensino do campo das Ciências da Natureza pode proporcionar aulas mais dinâmicas e motivadoras na Educação Básica, pois trazem a preocupação de integrantes desse movimento na construção do conhecimento de determinada temática. Ferreira (2005) aponta que participantes do movimento *hip-hop*, buscam informações, são formadores de opiniões e estabelecem regras e valores no meio em que participam. Ainda, estes jovens inseridos no *hip-hop*, realizam artes educativas através das artes do grafite, do break e em letras de músicas.

Uma proposta que une uma prática sociocultural como ferramenta de sensibilização para atuar na redução dos impactos ambientais é bastante relevante. Os alunos podem unir a realidade e os conhecimentos adquiridos em sala, de maneira atrativa e diferenciados, sob a perspectiva do *hip-hop*. Para Ferreira (2005, p. 2), “o hip hop se aproxima da proposta de educação

multicultural que não prioriza a apropriação dos conteúdos de saber universal em si mesmo, mas o processo do conhecimento e suas finalidades”.

Segundo Fialho (2008), o *hip-hop* é um movimento cultural e artístico, que nasceu nos subúrbios de Nova York, durante os anos 1970. As manifestações fundamentais são: o *rap*, o grafite, o *breakdance* e o disc-jóquei (DJ). O movimento chegou ao Brasil há mais de vinte anos, ganhou várias formas e se firmou como uma expressão e manifestação importante. O *hip-hop* é composto por quatro elementos, são eles: MC (abreviatura de mestre de cerimônia), o cantor de *rap*, responsável pela rima que pode ser improvisada ou composta anteriormente; DJ é o instrumentista, que tem como principal ferramenta o toca-discos: grafite corresponde às artes visuais por meio de desenho; e o *break* (significa quebra), é a expressão física que tem como característica marcante a dança com gestos.

O elemento escolhido na presente proposta, dentro das manifestações do *hip-hop*, para unir a temática e problematizações do meio ambiente, foi o *freestyle* (estilo livre). De acordo com Alves (2008), o *freestyle*, conhecido também como o rap de improviso, caracteriza-se por rimas criadas, e desenvolvidas em tempo real, praticado em rodas culturais denominadas batalhas de rimas que possuem técnicas similares às dos poetas cantadores do Nordeste, que praticam a embolada com ritmos acelerados dos versos.

Nessa modalidade, no *freestyle*, dois MCs improvisam sobre determinado tema e o vencedor é aquele que desenvolve melhor as rimas. Ele permanece no palco para disputar com os demais e aquele que conseguir vencer todos os concorrentes é o campeão da batalha. Quando o objetivo da batalha de rimas é retratar um tema específico, passa a ser chamada de Batalha do Conhecimento e, em geral, são utilizados temas relacionados ao preconceito, ao racismo e às questões sociais. “Em contraponto às batalhas tradicionais do rap, em que a disputa inclui ofensas ao rival, na Batalha do Conhecimento ele [MC Marechal] retoma a função educativa do rap, de conscientização, e a coloca em cena” (MACIEL, 2016, p. 6).

O movimento *hip-hop* retrata a realidade e vivência de grupos específicos. Contudo, cabe retratar a realidade social, no âmbito educacional acerca dos impactos ambientais de forma lúdica. É pertinente despertar um olhar inovador nos alunos, de modo que ele seja o solucionador dos problemas ambientais por meio da liberdade de expressão de seu papel individual e coletivo dentro da escola e da sociedade. Dessa maneira, é possível realizar a execução de aulas atrativas e facilitadoras de aprendizagem. O lúdico o “deve ser levado em consideração dentro do contexto escolar, independentemente da idade, sob constante elaboração e reelaboração no seu planejamento, principalmente como recurso didático” (MENDONÇA, 2010 p. 2).

Algumas pesquisas mostram o uso dos elementos do *hip-hop* do contexto escolar, a exemplo das pesquisas de Alves (2008), Ferreira (2005), Fialho (2008) e Messias (2008) apresentam a utilização do *hip-hop* no contexto educacional. Alves (2008) apresenta o *hip-hop* nordestino como prática educativa da juventude negra. Busca o fortalecimento do pertencimento étnico dos jovens através de práticas sociais. O trabalho promove o protagonismo juvenil na periferia da cidade de Paraíba. O autor realizou entrevistas com crianças que frequentam aulas de música do *rap*. A pesquisa promove além de resultados no âmbito educacional, solidariedade, esperança e valores para os estudantes. O trabalho busca manter adolescentes e crianças afastadas de drogas e criminalidade.

A pesquisa de Ferreira (2005), por sua vez, aborda a utilização dos elementos como o *rap*, o *break* e o *graffiti* no âmbito educacional, elaborado também por meio de oficinas, cujo objetivo é aproximar as várias linguagens cotidianas dos estudantes com o meio escolar. Já o trabalho de Fialho (2008) apresenta uma proposta destinada a professores de música e outros

pedagogos. O livro foi escrito a partir de entrevistas com a contribuição de *rappers* e DJs, a ideia é aproximar o contato da universidade com escolas e comunidades. Apresenta como objetivo associar o *hip-hop* ao ensino formal, junto com a abordagem teórica. Mostra a importância e utilização dos elementos do *hip-hop* nas comunidades, rádios e contexto escolar, sendo nas escolas efetuadas através de oficinas, assim, o trabalho visa estabelecer o contato entre a rua e a escola, a fim de contribuir para o ensino de música. Por fim, Messias (2008) apresenta uma abordagem em torno da arte como movimento social de educação, utiliza o *hip-hop* e busca conectar música, poesia e informação. Estas pesquisas apresentam propostas da utilização de alguns elementos do *hip-hop* no âmbito educacional e social, das artes e músicas, alguns através de oficinas, porém não utilizam o rap de improviso como proposta pedagógica interdisciplinar.

Neste projeto, será apresentada como proposta pedagógica a batalha de conhecimento com o tema de meio ambiente, para o que o professor aplique a prática em sala. Esta temática contará com a utilização do *hip-hop*, especificamente, o *freestyle* e a elaboração de rimas. Desse modo, busca-se um aprendizado dinâmico e interativo e a promoção do ensino de conceitos relacionados ao meio ambiente com ferramentas interdisciplinares.

Cabe ressaltar que os estudos acerca da utilização das Batalhas do Conhecimento, como atividade educacional são poucos, assim como a utilização dos outros elementos do *hip-hop*, a exemplo das pesquisas de Ferreira, (2014) e Messias (2008). Por esse motivo, é válida esta pesquisa a fim de promover uma melhor visibilidade desta prática sociocultural e de suas possibilidades pedagógicas no âmbito educacional.

Assim, nesta pesquisa, o objetivo geral foi propor estratégias de ensino para o ensino de meio ambiente a partir da elaboração de rimas, voltadas para o ensino básico. E os objetivos específicos foram: (i) identificar a maneira como os MCs adquirem habilidades de improvisação no rap de improviso; e (ii) estruturar essas estratégias em uma sequência didática para o uso de rimas no ensino de ciências.

## METODOLOGIA

### Caracterização da pesquisa

A pesquisa é de caráter exploratório no que diz respeito aos objetivos. Segundo Silveira e Córdoba (2009), a pesquisa exploratória busca tornar um determinado assunto mais evidente, pelo fato de ser pouco conhecido. Quanto à abordagem, esta pesquisa é qualitativa, pois busca expor muitas vezes, dados que apresentam basicamente resultados de qualidade e aspectos da realidade, sem necessidade de evidenciar resultados através de números e estatísticas (GIBBS, 2009). Quanto à análise dos dados, esta pesquisa utiliza o método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) codificando-os e categorizando-os em uma perspectiva indutiva, pois parte-se de algo particular – as técnicas envolvidas na elaboração de rimas de improviso por MCs – para uma questão mais ampla e geral – organizá-las em diretrizes de modo a serem utilizadas como um recurso didático para o ensino e aprendizagem em situações escolares (PRODANOV; FREITAS, 2013).

### Público-alvo

Para a escolha dos entrevistados considerou-se Mestres de Cerimônias (MCs) que tivessem experiência ampla em duelos de batalhas do conhecimento. Os dois respondentes se

classificaram para o Duelo Nacional de MCs que reúne somente 16 classificados através de seletivas realizadas com todos os MCs brasileiros ao longo do ano.

O primeiro entrevistado reside no Recanto das Emas /DF e atualmente é músico profissional. Ao longo de sua trajetória produziu alguns álbuns, dentre eles as Mixtapes: Tudo pelos pretos e Cidade não planejada, ambos trazem uma crítica social em relação ao racismo, vivências periféricas e o fortalecimento e protagonismo dos negros. Os trabalhos estão disponíveis em plataformas digitais como *Spotify*, *YouTube* e *iTunes*. Participou do Duelo Nacional de MCs em 2019, chegando até a semifinal da competição.

O segundo entrevistado reside em Planaltina /DF, participou de projetos em outros estados tanto no *breakdance*, quanto no rap de improviso, participou de algumas músicas em grupos e possui uma música solo denominada 'A cada traço', que busca promover a motivação pessoal nos ouvintes. Os trabalhos estão disponíveis no *YouTube*. É arquiteto e urbanista profissionalmente. Participou do Duelo Nacional de MCs em 2019, chegando até a segunda fase da competição.

### Técnicas de coleta e análise dos dados

A identificação das maneiras pelas quais os MCs adquirem habilidades de improvisação no rap de improviso foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas. Para Manzini (2012), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Sendo assim, a entrevista semiestruturada pode ser positiva por ser ampla a questionamentos e ideias já apresentadas anteriormente, possibilita maiores oportunidades para entender o raciocínio de cada indivíduo.

As entrevistas foram realizadas remotamente com o uso do aplicativo *Zoom*. A primeira entrevista apresentou uma duração de 43 minutos e 9 segundos, já a segunda entrevista teve uma duração de 43 minutos e 21 segundos. Nas duas entrevistas, foi aplicado o mesmo roteiro semiestruturado, iniciada com perguntas pessoais como nome e idade. Antes de efetuar cada pergunta já pré-estabelecida nesse roteiro, havia sempre a complementação de uma ideia, a pergunta foi realizada a partir da fala do entrevistado, buscando extrair o máximo de informações para atingir os objetivos propostos.

Os dados foram analisados na perspectiva da análise de conteúdo, dividida em fases: leitura flutuante; a seleção das unidades de análise; codificação e categorização, de acordo com Bardin (2011). Foi feita a leitura geral da primeira entrevista completa. Em seguida, com o auxílio do *software* de análises qualitativas ATLAS.TI, a transcrição das entrevistas foi inserida no *software* para auxiliar a seleção das unidades de análise. Após esse processo foi realizada uma leitura mais profunda, buscando a organização das ideias presentes.

Em primeiro lugar, sete códigos foram elaborados a partir do roteiro de entrevista, tendo as perguntas do roteiro como guia resultando nos tópicos com os seguintes códigos: tempo, desempenho, técnicas, nível, inspiração, dicas e batalhas.

Após a releitura, os códigos foram categorizados em quatro tópicos, foram eles: tempo de aprendizado; dificuldades ou desafios; técnicas e estratégias utilizadas; formato das batalhas. Para cada categoria, os textos da entrevista que foram codificados anteriormente foram relidos e agrupados. Por fim, após a categorização com todas as falas, foram selecionadas as falas que melhor atendiam os objetivos da pesquisa.

## Estratégias de ensino e sequência didática

Foram traçadas propostas que podem auxiliar os professores a utilizarem as rimas de improviso em suas salas de aulas. Para isso, exemplificaram-se maneiras de desenvolver a escrita de rimas de acordo com o conteúdo determinado, as técnicas principais de elaboração e alguns exemplos de rimas com conteúdo baseado na temática do meio ambiente.

Organizou-se dos resultados em uma sequência didática seguindo a estrutura proposta por Dolz, Norrevaz e Schneuwly (2004) a partir das pesquisas bibliográficas e contribuições dos entrevistados. Os autores sugerem que sejam realizadas as seguintes etapas: uma apresentação da situação, produção inicial, os módulos e produção final. (i) A apresentação da situação consiste em apresentar aos alunos a proposta a ser trabalhada ao longo da sequência, o que será abordado e qual o objetivo principal da proposta; (ii) a produção inicial tem como foco principal a realização de atividades pelos alunos, de modo que os mesmos apresentem seus conhecimentos prévios, visa buscar os pontos fracos a serem melhorados; (iii) os módulos são os aspectos necessários para que os alunos consigam resolver os pontos em que apresentaram maior dificuldade de acordo com o passo anterior; (iv) e a produção final, é o momento em que o aluno desenvolve na prática os seguimentos anteriores, o que permite também a avaliação final do professor.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No roteiro de entrevista, as primeiras perguntas tiveram como meta compreender a experiência dos entrevistados na elaboração de rimas, de modo a saber quanto tempo participam das batalhas de rima. A partir daí, obteve-se informações sobre os primeiros contatos dos entrevistados com o *hip-hop* e o início de suas experiências na laboração de rimas.

Percebeu-se que os quatro elementos presentes no *hip-hop* (MC, grafite, *disc jôquei* (DJ) e o *breakdance*) se complementam e colaboram para que os praticantes do movimento apresentem interesse ou curiosidade pelas demais categorias, a saber: o *break* e o grafite. Sendo assim, os entrevistados participam daquela categoria mais próxima à sua identidade e/ou preferência. Nas entrevistas, os participantes contam sobre o processo inicial, antes mesmo de se tornarem Mestres de Cerimônias (MCs) das batalhas de rima, bem com a ligação com outras atividades associadas ao *hip-hop*.

“Eu comecei, assim, eu já colava no movimento *hip-hop* já desde criança, porque minha mãe era jogadora de basquete” (MC E1, p. 3). O participante frequentava eventos ao lado da mãe e, por esse motivo presenciou desde a infância a dinâmica do *hip-hop*. O entrevistado E1 faz rimas de improviso aproximadamente há quatro (4) anos, além de poesias que elaborou ao longo do ensino médio.

“Eu comecei a produzir, a fazer minhas poesias e começar a mandar *freestyle* mesmo, de verdade, em 2016, no primeiro ano do ensino médio” (MC E1, p. 3).

O entrevistado E2 está inserido no movimento *hip-hop* há 14 anos, e ainda relata que antes de se vincular ao *rap* de improviso, já esteve envolvido como *breakdance*, modalidade de dança de rua em que um de seus princípios básicos também envolve o ritmo para a construção dos passos da dança.

“Eu atuo na cultura *hip-hop* há mais ou menos quatorze anos, eu comecei no *break* e mais ou menos uns quatro anos atrás ali em julho de 2016, eu comecei no *freestyle*, fazer as rimas de improviso e tal” (E2, p. 2).

Fora do contexto das batalhas de rimas, o entrevistado E2 afirma que os primeiros contatos básicos com as rimas aconteceram ainda na infância: “A gente cresce com rima. Querendo ou não eu cresci rimando, seja zoando com os meninos, seja com as músicas que você aprende no alfabeto” (E2, p. 6).

Os entrevistados enfatizam duas características do início de suas carreiras no *rap* de improviso: o contato desde a infância e o envolvimento em outras categorias como o *break*. Silva (2017) afirma que na Educação Infantil, como parte do processo de alfabetização, existem atividades com palavras rimadas, que podem auxiliar no processo de aprendizagem no ensino. Assim, tal ferramenta muito provavelmente não é inédita quando aplicada em sala de aula no ensino médio, por ter um caráter intuitivo, em alguns aspectos, pode facilitar a interação dos estudantes com a proposta e motivá-los a participar das batalhas.

Da mesma maneira que ocorre no convívio escolar, no *rap* de improviso é comum a timidez no início do processo de elaboração das rimas. Há também a participação nos eventos – as batalhas de rimas – que reúnem muitos expectadores. Nas falas dos entrevistados percebeu-se o relato das inseguranças nas primeiras tentativas nos encontros com grupos menores de membros do Hip-Hop e na participação em eventos.

O entrevistado E1, relata sobre sua primeira participação em uma competição de batalha de rima: “Tipo assim, foi ruim demais o meu desempenho e tal, estava no começo ainda, é normal. Tipo assim, a minha primeira batalha não foi boa, eu estava aprendendo, eu já estava nervosão, entendeu?” (MC E1, p.4).

Constatou-se que elaborar rimas é um processo de aprendizado construído, onde cada indivíduo tem o seu próprio tempo de desenvolvimento. O entrevistado E1 relata que já sabia o básico, mas ainda precisava aperfeiçoar suas técnicas no *rap* de improviso.

Eu já tinha uma base, mas ainda precisava trabalhar todas as outras técnicas, tanto que, no começo, eu não desenvolvia legal nas batalhas rimas, demorei um tempo assim [...] (MC E1, p.6).

Com base nos relatos o entrevistado E2 não estava inseguro durante sua primeira batalha, pois já estava acostumado com outras competições em público, um ponto positivo para que conseguisse um bom desempenho ao participar de sua primeira batalha de rima. “Obviamente eu fiquei nervoso pela ideia de fazer uma coisa que nunca tinha feito, mas como eu já estava acostumado à competição e não estava levando a sério a situação, eu fiquei mais tranquilo por conta disso também” (E2, p. 4).

Nas batalhas de rima, a competição é feita em quatro fases: primeira fase, segunda fase, semifinal e a final. De acordo com o entrevistado E2, em sua primeira tentativa ficou a uma fase para chegar à final, ou seja, mesmo que não tenha vencido a competição, teve um bom desempenho desde a sua primeira iniciativa. O desempenho de cada participante é relativo de acordo com o tempo. O entrevistado E2, relata que estava habituado a competir, referindo-se ao *breakdance* e conta que perdeu para um MC mais experiente na batalha de rima. “Eu cheguei na semifinal, eu perdi no terceiro round na semifinal para o Pequeno, que já rimava a bastante tempo” (MC E2, p. 4).

Alunos tímidos podem apresentar alguma resistência para participar de algumas atividades, mas, ainda assim é importante inserir atividades desafiadoras nos processos de ensino. Cabe ao professor ajudar a criança ou adolescente ultrapassar barreiras e desenvolver novas competências e habilidades, especialmente as comunicacionais, tão importantes em diversas carreiras e no desenvolvimento pessoal dos próprios estudantes.

Para Aguiar (2010, p. 13) “uma das estratégias que poderá ajudar a criança a vencer a timidez é tentar criar, no contexto escolar, espaços onde ela possa falar relaxadamente, aproveitando todas as oportunidades para se reforçar positivamente o seu comportamento”. Para

que o aluno não se sinta desconfortável a apresentar a sua rima, é importante que o professor oriente a turma a colaborar uns com os outros e demonstre que mesmo pessoas experientes, tiveram seu início em algum momento, sendo importante compreender com empatia as dificuldades dos colegas. Cabe ressaltar, como pontuado anteriormente, que as atividades que envolvem rimas podem despertar maior interesse do aluno, porém o foco deve ser direcionado ao aprendizado adquirido, ou seja, mesmo que a elaboração das rimas não seja a melhor, o que o professor deve priorizar é a ideia criada pelo aluno a partir do tema abordado na sala de aula e dos objetivos de aprendizagem a ele associados.

As técnicas adquiridas pelos MCs entrevistados ao longo do tempo abrangem desde as primeiras participações nas batalhas de rima até atingir um nível avançado nas rimas de improviso. O primeiro entrevistado E1 relatou algumas de suas estratégias e técnicas que foram decisivas para seu processo de aprendizagem no contexto das batalhas de rimas. O participante explica que antes de começar a fazer as rimas de improviso, já gostava de escrever poesias nas aulas de Língua Portuguesa. “[...]gostava de ficar escrevendo poesias nas aulas de Português. Aí depois que eu comecei a mandar uns freestyle mesmo, e depois que eu fui começar a batalhar”. (MC E1, p. 4).

O entrevistado ainda explica que o estudo e a leitura contribuíram para a elaboração de suas rimas, tanto nas batalhas, quanto nas músicas. “O que me ajudou muito, assim, com batalha, foi estudar e conseguir, assim, pegar o que eu estava estudando e acrescentar dentro das minhas rimas - tanto para música quanto para batalhar. Leitura também - eu sempre gostei de ler” (MC E1, p. 5).

Nota-se que o contato com a elaboração de rimas, fora do contexto das batalhas é comum nos estudos dos gêneros literários, na disciplina de Língua Portuguesa. O participante explica que utilizava temas do âmbito educacional e da própria vida para utilizar na elaboração de suas rimas em forma de poesia.

A poesia e as aulas de Português, as aulas de Sociologia e tal já me deram uma base legal, porque eu pegava aquilo, pegava os temas das aulas de Português, das aulas de Sociologia e escrevia poesia sobre isso, entendeu? Misturava esses temas com alguns temas, assim, da minha vida e ia escrevendo poesia sobre aquilo (MC E1, p. 6).

Além disso, o entrevistado E1 também associava sua vida cotidiana aos temas das aulas de Sociologia para construir poesias. A união da elaboração de rimas com os temas escolares e do cotidiano pode ser significativa na vida do estudante, além de incluir maior contextualização e apreensão dos assuntos escolares. Lemos (2006) defende o ato de ensinar através de uma abordagem que esteja de acordo com o contexto do discente, mais do que aprender sobre o tema é sentir-se incluso naquele processo de aprendizagem, pois o aluno consegue absorver melhor as informações, quando consegue associar a sua vida e atitudes a determinadas situações e conteúdos de uma maneira significativa.

Desta maneira, os entrevistados começaram a descrever seus processos de aprendizagem na elaboração de rimas. Escrever as rimas no papel parece fazer parte das primeiras etapas desse aprendizado e é uma maneira de aperfeiçoar o *rap* de improviso. “Bem no começo mesmo, assim, que eu estava mandando *freestyle*, eu gostava de escrever algumas rimas no papel, assim, para treinar, mesmo, para ficar treinando as rimas só com os meus amigos” (MC E1, p. 6).

Os MCs também utilizam o aplicativo *Whatsapp* para gravar suas ideias iniciais e enviar aos seus pares também contribuiu para o aperfeiçoamento das rimas de improviso. “Tinha uns amigos meus aqui do Recanto, que nós tínhamos um grupo no *WhatsApp*, aí eu gostava às vezes de pegar o meu caderno e ficar escrevendo umas rimas sobre os moleques e depois mandar os

áudios no *WhatsApp*, assim, também no começo (MC E1, p. 7).

A utilização dos recursos do *Whatsapp* facilita a rotina cotidiana das pessoas, reduz o tempo durante a comunicação, e serve para solução de problemas. É eficaz também para o armazenamento ou compartilhamento de arquivos. À medida que os avanços tecnológicos acontecem, os cidadãos buscam adaptação e aperfeiçoamento quanto aos recursos oferecidos mundialmente.

A utilização do *Whatsapp* para inúmeros fins, é fundamental para quem precisa ganhar tempo ao longo do dia, “o *Whatsapp* é um aplicativo para dispositivos móveis, o que possibilita uma forma de comunicação instantânea” (PAULINO, 2018, p. 2). Para o autor, a utilização do recurso pode ser adequada ao ambiente de educação formal, como uma ferramenta facilitadora, pois pode promover a interação de uma maneira dinâmica e servir como uma ferramenta de apoio às atividades pedagógicas.

Ao longo da primeira entrevista, o entrevistado E1 relata que para o aperfeiçoamento nas rimas de improviso precisou de muita dedicação ao longo de sua trajetória em sua modalidade. “Continuei lendo, continuei estudando, continuei mandando *freestyle*, continuei batalhando muito para ter um nível de prática maior. Fui estudar, sei lá, sobre métrica, o Português, ali estão envolvidas novas palavras, palavras que rimam entre elas” (MC E1, p. 7).

Souza (2008, p. 38), entende-se que “para os MCs o *freestyle* é um dom, uma facilidade de improvisar uma letra na hora”. No entanto, nos relatos coletados pelos participantes da entrevista há indícios que contrariam a ideia da autora. Isso porque, a partir do exposto, foi possível identificar que a prática de improvisação no *rap* é um processo construído, o qual exige dedicação, estudo e interesse por parte de quem o pratica e que naturalmente pode ser aperfeiçoado à medida que o participante busca novos conhecimentos. Não é uma prática que se realiza sem treinamento e, para isso, estudar determinados temas, ouvir uma música e se inteirar do conteúdo sobre o qual as rimas serão elaboradas, assim como relata o entrevistado E1 sobre a prática da improvisação, pode auxiliar no desenvolvimento de um conteúdo mais denso e realmente convincente no momento de uma batalha. O entrevistado complementa essa ideia afirmando: “tem que estudar; se não estudar, não vai conseguir rimar” (MC E1, p. 13).

Partindo do pressuposto que os MCs precisam estudar os assuntos dos temas escolhidos para adicionar os conteúdos às suas rimas, existe ainda todo um mecanismo necessário para a construção das rimas em geral. Aliados aos mecanismos da modalidade, existem alguns termos com significados próprios da cultura do *hip-hop* a exemplo do ‘suporte’, que é a utilização de palavras repetidas muitas vezes (vício de linguagem) ou frases pré-definidas para construir ou fechar uma frase rimada. Esta estratégia pode ajudar o participante a ganhar tempo para pensar nas palavras seguintes e é comumente utilizada por MCs iniciantes. Um dos entrevistados explica um pouco sobre o ‘suporte’. “E suporte é quando o MC acaba repetindo muito as palavras, [...] é meio que uma preposição, para poder juntar com a outra frase que vai vir depois que ele está falando ali, na hora” (MC E1, p. 9).

O segundo entrevistado E2 apresenta algumas de suas maneiras de aprendizado e mostra ainda como são feitas algumas métricas de rimas ao longo de seus relatos. O participante relata que é importante observar outros MCs para aperfeiçoar a própria prática.

E eu sempre ficava observando, eu aprendi no *break* isso, o cara que me ensinou a dançar falava que no *break* a gente preza pela originalidade, mas a gente se inspira em muita gente[...] então eu sempre ia olhando ali como é que um rimava, como é que o outro rimava, mesmo antes de entender o que aquilo tecnicamente queria dizer eu já ficava observando (MC E2, p. 7-8).

No relato, apresenta-se a junção das práticas dos elementos do movimento *hip-hop*, a exemplo do *breakdance*, repassada para o rap de improviso. Além disso, o entrevistado também aponta a experiência adquirida ao observar os demais rimadores para aprender estratégias e aperfeiçoá-las dentro do *freestyle*. Observar para aprender é uma estratégia presente em diversos contextos e atividades de aprendizagem, sejam eles formais ou informais, e “os pioneiros do rap no Brasil, são os ídolos inspiradores para os MCs” (SOUZA, 2008, p. 79). Existe também a presença rítmica nas duas categorias (no *break* e no *rap*) e ambos necessitam de uma base de rap ou fundo instrumental, que é a instrumentação acompanhada pela letra ou pela dança para quem o pratica.

O entrevistado E2 relata sobre a escrita como forma de aperfeiçoar as suas rimas, levando em consideração que já estava adquirindo um nível avançado nas rimas, quando refere-se ao estadual (etapa de seleção para o duelo nacional de MCs). A necessidade de se aperfeiçoar é urgente para que ele vença etapas avançadas contra MCs experientes e já não poderia continuar elaborando apenas o básico.

E depois de muito tempo, obviamente, depois teve a questão do estadual também que eu fui escrever letras, que eu vi que isso, querendo ou não, ajudava no *freestyle*, porque você constrói [...] você aprimora o seu processo de construção de ideias no papel e quando você vai para o *freestyle* isso flui de uma forma muito natural (MC E2, p. 9).

A partir do relato é possível afirmar que prática da escrita é associada ao aperfeiçoamento do *freestyle* e que o hábito de escrever facilita a construção das rimas de improviso. O entrevistado E2 explica sobre um tipo de métrica, (utilizada basicamente para medir o tamanho dos versos) a ‘rima direta’, referindo-se a rimas emparelhadas com terminações iguais, “quando os versos que rimam se encontram juntos e aos pares (ABB CDD)”. ARAÚJO, (2002, p. 6). Em resumo, o participante explica que na rima direta (emparelhada), as rimas acontecem de forma paralela ao final do verso e são comumente utilizadas pelos MCs iniciantes.

As diretas seriam as que as terminações são todas iguais então: eu vou te falar, você quer me escutar, e vai com a terminação igual. É um jeito de rimar, e às vezes é o jeito que a maioria das pessoas começa a rima, a dificuldade dele é que você tem um espaço muito curto ali dentro da estrofe de uma para outra, porque as terminações são bem parecidas (MC E2, p. 13).

Em seguida, outro entrevistado explica sobre a métrica de ‘rima cruzada’, esse tipo de rima ocorre “quando entre dois versos que rimam se encontra outro de diferente rima (ABCB ou ABAB)”. ARAÚJO (2002, p. 6). Diferente da primeira (‘rima direta’), as terminações não acontecem de forma paralela, a rima acontece com o segundo e o último verso. O entrevistado E2 cita um exemplo.

Quando a gente faz, por exemplo, o que a gente chama de rima intercalada ou de rima cruzada, e no caso eu tenho a primeira estrofe que tem uma terminação, a segunda estrofe tem uma terminação diferente da primeira, e a terceira estrofe é que vai rimar com a primeira e a segunda vai rimar com a quarta estrofe, e é como a gente sempre, é como se nós usássemos sempre 4 estrofes, certo? Então seria algo do tipo: eu tenho algo para te explicar, você

pode até não entender, eu estou conversando com Ana Ka, sobre o R A P” (MC E2, p. 13).

Ele explica também sobre a ‘rima intercalada’, referindo-se a rimas abraçadas. Segundo o autor Araújo (2002), a rima abraçada ocorre quando entre dois versos que rimam se encontram dois versos de diferentes rimas que podem ou não rimar entre si e, nesse caso, o verso central também é rimado (ABBA).

A intercalada você ganha ainda mais fácil, seria a primeira com a quarta e a segunda com a terceira, então seria como: eu tenho algo a te falar, estou falando de R A P, explicando para você em uma entrevista com a Ana Ka, então você tem um espaço das duas ali no meio para poder colocar as ideias que você está aqui em cima (MC E2, p. 13-14).

E por fim, acrescenta um comentário sobre a rima ‘vazia’, referindo-se ao mesmo conceito da ‘rima abraçada’, mas nesse caso, o verso central não rima, somente o primeiro com o quarto (ABCA).

E a vazia seria justamente, por exemplo, a mesma ideia ou da cruzada ou da intercalada, sendo que, por exemplo, na cruzada a segunda não precisaria rimar com a terceira, elas podem ser sem rima, e na intercalada essas duas também não precisam rimar, só essas duas aqui e essas ficam de contexto (MC E2, p.14).

A partir do relato do entrevistado E2, referindo-se aos tipos de construção que realiza, percebe-se que os termos utilizados, em alguns casos, são diferentes dos termos encontrados na literatura citada, apesar de apresentarem o mesmo conceito e exemplos. Entretanto, foram encontrados poucos artigos que explicam e detalham as métricas apresentadas pelos MCs que participaram desta pesquisa.

Em relação às técnicas de improvisação, E2 relata que o maior obstáculo para efetuar as rimas de improviso é terminar o verso, mas a partir disso, as rimas de efeito (bem elaboradas) são realizadas de maneira fluente. “A primeira barreira é terminar o verso, depois que você passa disso, fazer umas rimas de efeito. Você vê que depois de um tempo fazer rimas de efeito é muito fácil” (MC E2, p. 20).

A partir de fragmentos textual apresentados na introdução desta pesquisa, explicam-se os tipos de rimas, conceitos, formatos e exemplos relacionados à temática ambiental tendo como base a explicação dos entrevistados.

**Quadro 4** Exemplificação de rimas de meio ambiente utilizando diferentes técnicas

Designação o das rimas	Conceito	Formato	Exemplo
Direta ou emparelhada	Quando os versos que rimam, encontram-se juntos. O primeiro verso rima com o segundo e o terceiro rima com o quarto	A A B B	A escola pode ser um meio <b>eficiente</b> Na preservação do meio <b>ambiente</b> Com professores que buscam a <u>sensibilização</u> E alunos que atuam na <u>preservação</u>

Cruzada	Quando os versos que rimam, encontram-se separados. O primeiro verso rima com o terceiro e o segundo rima com o quarto.	A B A B	Desenvolvimento humano é <b>positivo</b> , Pois gera avanço tecnológico <u>mundial</u> Mas sem consciência é <b>negativo</b> Para o equilíbrio <u>ambiental</u>
Intercalada ou abraçada	Quando os versos centrais rimam entre si, e os externos rimam entre eles. O primeiro verso rima com o quarto e o segundo rima com o terceiro.	A B B A	Todas as espécies de seres <u>vivos</u> Entendidas como <b>biodiversidade</b> , Têm relação direta com a <b>variedade</b> De vida de todos os organismos
Vazia	Quando somente os versos externos rimam entre si. O primeiro verso rima com o quarto, mas o segundo e terceiro não rimam com nenhum.	A B C A	Humanos têm impactado <b>diretamente</b> A ocorrência dos efeitos <u>negativos</u> , Acarretando <i>consequências</i> Para a vida e o meio <b>ambiente</b>

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

Os MCs explicam como as batalhas de rimas são classificadas em relação à (i) caracterização da dinâmica de contagem dos versos, - “bate e volta” e “tradicional” - e (ii) estruturação dos duelos - batalhas com ataque e respostas ou batalhas com temas. Para que os duelos de MCs aconteçam, é necessária a utilização de uma base de *rap* ou *beat*, que é a instrumentação para acompanhar as letras (FIALHO, 2008). Os participantes precisam improvisar durante a reprodução dessa base. O instrumental é controlado pelo DJ, assim como a escolha da base e o tempo de início e término, ou seja, os competidores não podem escolher uma base de sua preferência.

A designação ‘bate e volta’ significa basicamente argumentar e contra-argumentar. Este modelo de duelo possui três etapas que são denominadas ‘rounds’ na linguagem do movimento cultural *hip-hop*. A caracterização de contagem dos versos no formato “bate volta” ocorre da seguinte maneira: a partir do momento em que o DJ solta o som, o competidor (1) precisa elaborar seu argumento em 8 versos, que totalizam 4 rimas fechadas.

Em seguida, o competidor (2) deve elaborar seu contra-argumento a partir do argumento elaborado pelo competidor (1), utilizando também 8 versos, que totalizam 4 rimas fechadas. Depois o competidor (1) elabora seu segundo argumento, mas dessa vez com apenas 4 versos, que totalizam 2 rimas fechadas. Ainda o competidor (2) elabora seu segundo contra-argumento com apenas 4 versos, totalizando duas rimas fechadas. E, por fim, ocorrem mais dois argumentos e dois contra-argumentos. Resumidamente, na etapa (1), o competidor (1) elabora quatro argumentos, sendo o primeiro com oito versos, e os outros três com apenas quatro versos. Já o competidor (2) elabora quatro contra-argumentos, sendo o primeiro com oito versos e os outros três com apenas quatro versos.

Na etapa (2), ocorre a mesma dinâmica, entretanto, de maneira invertida, ou seja, o competidor (2) elabora os argumentos e o competidor (1) elabora os contra-argumentos. Realizado esse processo, é necessário saber quem conseguiu mais êxito na construção de suas ideias, a partir de então é feita uma votação para decidir o vencedor. A decisão é feita por dois jurados que são duas pessoas escolhidas para essa função, junto ao voto popular que é feito pelo público que assiste. Somente em caso de empate acontece a etapa (3) e, nesse caso, os competidores precisam tirar na sorte para decidir quem começa, ou seja, quem argumenta e

contra-argumenta.

O critério de desempate ocorre da mesma maneira que as demais, porém o desempenho é avaliado somente nessa etapa para decidir o vencedor do duelo, sendo as ideias elaboradas nas duas primeiras etapas desconsideradas como critério de votação. O entrevistado E1 descreve a contagem dos versos em um formato 'bate e volta', que é o argumento e contra-argumento.

Se eu começar a batalha, eu vou mandar oito versos, que são quatro rimas, e o cara também vai responder oito versos, quatro rimas; depois, são quatro versos, que são duas rimas - três vezes: a primeira são oito, e as outras três são quatro versos. E esse é o estilo bate e volta. Então eu mando oito, ele manda oito, eu mando quatro, ele manda quatro [...] Bate e volta, bem rápido, bem dinâmico; é um estilo de rima bem dinâmico (E1, p. 8).

O formato tradicional dos duelos é realizado sem a contagem dos versos. Diferente do formato 'bate e volta', esse formato é feito a partir da delimitação de um tempo e possui três etapas que são denominadas 'rounds'. Porém diferente do formato anterior, cada competidor argumenta apenas uma vez de forma contínua em cada etapa. A caracterização de contagem dos versos no formato tradicional ocorre da seguinte maneira: a partir do momento em que o DJ solta o som, o competidor (1) precisa elaborar seu argumento em 45 segundos. Sendo assim, ele pode estruturar a quantidade de versos que achar necessário para argumentar dentro desse período, o DJ é o responsável pela cronometragem. Quando o tempo é atingido, o DJ pára a música e o competidor (1) finaliza sua ideia. Em seguida, o competidor (2) deve elaborar seu contra-argumento a partir do argumento elaborado pelo competidor (1) dentro do mesmo período de 45 segundos. Ao finalizar o seu argumento, o mesmo competidor (2) deve elaborar seu contra-argumento em 45 segundos e, por último, o competidor (1) finaliza com o contra-argumento a partir do argumento do competidor (2).

A votação para decidir o vencedor é feita exatamente da mesma maneira do formato anterior. Em caso de empate, o critério de desempate também é feito como no formato 'bate e volta' os votantes precisam desconsiderar as outras argumentações realizadas anteriormente. O entrevistado E1 informa também sobre o segundo formato no momento do duelo entre os MCs, que é o modo tradicional.

Agora, quando é tradicional, geralmente são 45 segundos para cada MC, entendeu? Por exemplo, se eu começar, eu vou rimar 45 segundos atacando o outro MC, depois ele vai me responder com 45 segundos, depois ele vai me atacar por 45 segundos e depois eu vou responder 45 segundos. Aí, dependendo da votação, pode ter um terceiro *round* - aí geralmente esse terceiro round é o bate e volta (MC E1, p. 8).

Tratando-se da estruturação dos duelos, existem duas categorias, uma delas são as batalhas com ataque e resposta, um adversário ataca o outro, consistindo em argumentos próprios para superar o oponente. Desse modo, o competidor constrói suas ideias com o objetivo de sobressair em suas rimas sobre qualquer assunto, mas respeitando o concorrente. Já a estruturação das batalhas com tema acontece com o objetivo de passar informações acerca de conteúdos diversificados e, em geral, os temas trazem uma abordagem social. Nas batalhas com tema, os participantes precisam construir e estruturar as melhores ideias acerca do tema proposto sem fugir da ideia principal. Explicação do entrevistado E1 sobre as diferenças das batalhas com tema daquelas batalhas de rima com ataques ao adversário.

Só que na batalha de conhecimento não tem essa de ataque e resposta; na batalha de conhecimento, o apresentador vai escolher dois temas - geralmente é assim, dois temas ou três temas[...] e aí o MC vai ter que ter conhecimento sobre o tema para poder falar sobre ele na rima, na batalha ali. E é isso, não tem ataque, não tem resposta, o foco é esse, o foco é você distribuir o máximo de informação possível sobre aquele tema, sobre aquele conhecimento ali durante a batalha (MC E1, p.12).

O entrevistado E2, também relata sobre as batalhas com o tema. “as batalhas de conhecimento, onde normalmente tem um tema ali que a plateia, que alguém que não seja os MCs define, e os MCs têm um tempo para rimar sobre aquele tema em si, expor o ponto de vista deles e os conhecimentos que eles têm sobre aquele tema” (MC e2, p. 23).

A partir da análise, percebe-se uma abordagem de cunho didático por trás de todos os mecanismos evidenciados nas batalhas de rimas, em especial, as batalhas com temas. Diante as análises, cabe ressaltar que ao longo dos relatos apresentados pelos próprios participantes dessas batalhas, existem técnicas complexas e bem estruturadas. Essas técnicas não somente estão presentes na abordagem da construção das rimas, mas também nas subdivisões dos papéis dentro da cultura *hip-hop*. Essas experiências trazem uma riqueza de detalhes que podem passar de um contexto extraescolar, para o contexto escolar. O entrevistado E2 relata que tipos de temas são abordados durante os duelos com temas.

Os temas são variados, podem ser desde temas sérios e de relevância político social, quanto temas totalmente genéricos e efêmeros onde o importante é testar a criatividade de quem está ali naquele momento [...] ela normalmente é uma batalha ali onde você expande de fato conhecimentos e pontos de vista que você tem sobre alguma coisa (MC E2, p. 23).

O entrevistado E2 relata que pode ocorrer uma certa fuga do foco principal dos temas algumas vezes, mas ainda assim, o importante nessa modalidade é o que o MC consegue passar de conteúdo acerca do tema.

Às vezes em batalha de tema, o freestyle tem muito dessa questão do sarcasmo, desse humor com uma tiradinha ali, então às vezes até em uma batalha de tema a pessoa dá um sotaquinho ali no outro, mas obviamente quando a batalha é de tema você tenta focar mais no tema do que na forma que você ataca o seu oponente (MC E2, p. 25).

O movimento *hip-hop* estimula a valorização do indivíduo em seu contexto social, jovens pertencentes a esse movimento muitas vezes sentem-se desvalorizados em ambientes que estão distantes da sua realidade. Até mesmo ambientes próximos, mas ainda assim, pode existir um sentimento de não pertencimento a determinados grupos. O ambiente escolar é um exemplo disso, alguns alunos sentem-se incapazes de realizar determinadas tarefas por conta das punições presentes, como apresenta Alves (2008). Por conseguinte, o papel social do rap é importante para o resgate da valorização pessoal do próprio indivíduo, pois ele se vê capaz de realizar práticas próprias do movimento cultural e começa a compreender e valorizar suas próprias competências e habilidades.

Segundo Dolz, Norrevaz e Schneuwly (2004), uma sequência didática se baseia na intervenção pedagógica através de várias atividades ordenadas, em busca de atingir objetivos.

Dessa forma, as informações fornecidas pelos entrevistados forneceram subsídios para a elaboração de estratégias de ensino em uma proposta de sequência didática.

#### Quadro 6 – Síntese da Sequência Didática

<b>AULA 1 – Apresentação da situação</b> (2 aulas de 50 min.)	
<p><b>Objetivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar a proposta de sequência didática que guiará a batalha de conhecimento;</li> <li>• Apresentar características e importância do rap de improviso;</li> <li>• Apresentar a importância e características da educação ambiental.</li> </ul>	<p><b>Atividades propostas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicação da sequência didática;</li> <li>• Apresentação breve da história do <i>hip-hop</i> e os impactos essa cultura traz para a sociedade por meio de relatos curtos realizados com os entrevistados desta pesquisa;</li> <li>• Por meio de uma aula expositiva e dialógica, ressaltar a importância do meio ambiente, no contexto da biodiversidade, além dos principais impactos antrópicos e a utilização dos recursos naturais por meio da aula expositiva.</li> </ul>
<b>AULA 2 – Compreendo a temática ambiental</b> (2 aulas de 50 min.)	
<p><b>Objetivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantar dados dos conhecimentos prévios;</li> <li>• Promover o debate acerca da temática ambiental;</li> <li>• Pontuar situações a serem melhoradas.</li> </ul>	<p><b>Atividades propostas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicação de um questionário<sup>5</sup> com perguntas acerca do meio ambiente, que será aplicado também ao final da sequência;</li> <li>• Formação de uma roda de conversa, para propor medidas e soluções da problemática ambiental com base em artigos e reportagens selecionados pelo docente responsável;</li> <li>• Anotar todas as dúvidas apresentadas, a fim de reforçar os pontos ao longo da sequência.</li> </ul>
<b>AULA 3 – Produção das rimas a partir de um tema de conhecimento</b> (4 aulas de 50 min.)	
<p><b>Objetivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Associar a intervenção humana com os impactos na vida marinha;</li> <li>• Promover a elaboração de rimas escritas;</li> <li>• Promover a interação em grupo.</li> </ul>	<p><b>Atividades propostas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação de vídeo “Plásticos no mar: causas, consequências e soluções!”<sup>6</sup> sobre o excesso de lixo no mar e as consequências na vida dos animais marinhos.</li> <li>• Explicação breve sobre construção de rimas, bem como as técnicas empregadas pelos MCs, por meio dos exemplos apresentados no quadro 4;</li> <li>• Identificação das rimas e técnicas utilizadas pelos MCs a partir da observação de vídeos de batalhas do conhecimento;</li> </ul>

<sup>5</sup>O questionário será elaborado com questões abertas e fechadas contendo o tema de meio ambiente e os subtemas que envolvem sustentabilidade, coleta seletiva, impactos ambientais, poluição, preservação, sensibilização entre outros.

<sup>6</sup> Canal “Nossa Ecologia”: <https://youtu.be/-UmOPQRpRIE>.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Propor um exercício de elaboração de versos rimados sobre atitudes humanas que afetam ou evitam os impactos na vida marinha: primeiro os alunos proporão sete palavras (a partir da temática assistida no vídeo), depois escreverão sete rimas para cada palavra e, a seguir, organizarão quatro versos com base em uma das técnicas apresentadas no quadro 4.</li> <li>• Depois de uma rodada de elaboração de rimas com toda a turma, os alunos, em grupos com 5 alunos, elaborarão quatro versos e apresentarão as rimas para a turma. Sugerir a utilização do site Rhymit<sup>7</sup> para encontrar palavras que rimam entre si).</li> </ul>
<b>AULA 4 - Treinamentos iniciais para a batalha do conhecimento</b> (4 aulas de 50 min.)	
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar uma dinâmica envolvendo a batalha do conhecimento;</li> <li>• Promover a competição lúdica;</li> <li>• Iniciar treinamento breve das batalhas de conhecimento.</li> </ul>	<b>Atividades propostas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Divisão da turma em dois grandes grupos. Após a formação, inicia-se um jogo com palavras rimadas, cada grupo deve falar o máximo de palavras com terminações iguais;</li> <li>• Em seguida, com os mesmos grupos, será feita uma batalha de conhecimento, como treino para a atividade final. Neste momento, os alunos elaborarão rimas em tempo real. Escolhem-se dois grupos e o que ganhar para começar poderá escolher o tema (considerando a temática do meio ambiente) e elaborar os primeiros quatro versos de rimas - cada rodada um membro do grupo será o MC. A seguir, o outro grupo terá um tempo para elaborar suas rimas antes de recitá-las. Sugere-se começar com 10 min. e depois ir diminuindo gradativamente o tempo de elaboração.</li> <li>• Nesta atividade, serão escolhidos alunos para serem os DJs. Eles poderão escolher previamente arquivos de vídeo como, por exemplo, karaokês de músicas rap no YouTube ou utilizarem aplicativos gratuitos que montam sequências de ritmos a partir de amostras de ritmos (<i>samplers</i>) como o BandLab<sup>8</sup>.</li> </ul>
<b>AULA 5 - Batalha do conhecimento</b> (4 aulas de 50min.)	
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar a batalha do conhecimento;</li> </ul>	<b>Atividades propostas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização da batalha do conhecimento;</li> </ul>

<sup>7</sup> Mais informações em: <https://www.rhymit.com/>.

<sup>8</sup> Mais informações em: <https://www.bandlab.com/>.

<ul style="list-style-type: none"><li>• Levantar dados finais da sequência didática;</li><li>• Encerramento da proposta.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Aplicação e correção de um questionário final como comparativo para o questionário aplicado inicialmente.</li></ul>
--	---

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

O critério de avaliação sugerido pode ocorrer da seguinte forma, o aluno deve apresentar melhor domínio de conteúdo ao elaborar as rimas, receberá o voto consciente dos estudantes que desempenharem os papéis de jurados e plateia. É preciso que ele formule a rima dando sentido às frases. Além disso, os alunos terão a liberdade de argumentar em vários contextos, expressar acontecimentos de seu cotidiano, desde que não fuja do tema principal, que são as questões ambientais. O voto da plateia no geral corresponderá a um ponto, independente de quantas pessoas houver, ou seja, quem obtiver o maior número de mãos levantadas ganha um ponto. A votação de cada jurado corresponde a 2 pontos, um ponto de cada, ao total serão 3 pontos. O que atingir 2 ou 3 vencerá a competição. Ao final de todas as atividades desenvolvidas e a execução das Batalhas de Conhecimento, é interessante que seja aplicado um questionário para avaliar o entendimento adquirido pelos alunos sobre a temática do meio ambiente. Questões essas que devem conter as mesmas questões presentes no questionário de pré-teste, para assim, analisar o desenvolvimento dos estudantes ao longo de toda a sequência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ao apresentar as problemáticas associadas à temática do meio ambiente, propôs, a partir de abordagens interdisciplinares, conexões para o ensino dessa temática, a partir do rap de improviso para professores da Educação Básica. Atendendo os objetivos propostos na pesquisa, os resultados detalham a maneira como os MCs adquirem habilidades de improvisação no rap de improviso; e, por fim, uma sequência didática é elaborada contendo estratégias de ensino para o uso de rimas no ensino da temática do meio ambiente.

Os resultados derivados dos relatos de MCs experientes em Batalhas de Rimas demonstram a aquisição de técnicas de improvisação de rimas ao longo de suas experiências no âmbito da cultura *hip-hop*. Essas experiências (1) começam com o primeiro contato com as rimas desde a infância, que são aperfeiçoadas ao longo do processo; (2) ocorrem por meio da observação de outros MCs, na busca de conhecimento de temas variados, do estudo, da leitura, da apreciação e da produção de rimas. Observa-se a sistematização das técnicas de elaboração das rimas pelos MCs ao longo de suas carreiras por meio de estratégias de uso das métricas textuais que envolvem ‘rimas diretas’, ‘cruzadas’, ‘abraçadas’ entre outras. Ademais, a construção da sequência didática parte do pressuposto que a ideia não é a construção de rimas em um nível avançado por parte dos alunos, mas sim a motivação para buscar mais conhecimentos associados a essa arte do improviso e sintam-se motivados a aprofundar seus conhecimentos em temas escolares.

Percebemos que existem inúmeras maneiras de ensinar e tornar o ambiente escolar mais contextualizado, acolhedor e motivador – trabalhar temáticas que envolvam as questões ambientais de uma maneira lúdica, tendo em vista tema transversal a abordagem interdisciplinar é pouco evidenciada de acordo com as pesquisas sobre o tema. Além disso, as batalhas de conhecimento podem estar diretamente associadas aos procedimentos de ensino e aprendizagem dos ambientes formais de ensino, promovendo dinâmicas interdisciplinares e lúdicas.

Embora aspectos levantados pelos entrevistados sejam relevantes ao estudo, não foi possível tratar de alguns deles como: (i) a resistência para a elaboração das rimas em razão da timidez; (ii) o processo de elaboração de rimas com os alunos; (iii) a falta de participantes de jovens iniciantes no contexto das batalhas de rimas; e (iv) a inserção de jovens que não conhecem ou estão inseridos na cultura *hip-hop*.

Perspectivas futuras de pesquisas podem envolver entrevistas com um maior número de MCs e outros representantes do *breakdance* e do grafite, de modo a enriquecer os planejamentos de ensino que envolvam a elaboração de rimas de conhecimento e outras categorias do movimento no ambiente escolar. Além disso, pesquisas aplicadas podem ser estruturadas e desenvolvidas em sala de aula de vários níveis da Educação Básica, buscando detalhar a adequação da proposta às diferentes faixas etárias, à identificação do nível de aprendizado e à satisfação dos alunos entre outros indicadores.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, G. C. **A timidez no contexto escolar**: um olhar sobre esta característica da personalidade humana na escola. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142833>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- ALHO, C. J. R. **Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica**. Estudos avançados, v. 26, n. 74, p. 151-166, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142012000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142012000100011&script=sci_arttext). Acesso em: 02 dez. 2019.
- ALVES, A. T. J. et al. Reciclagem: educar para conscientizar. *In*: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 17., 2012, Cruz Alta. Anais [...]. Cruz Alta: UNICRUZ, 2012. Disponível em: <https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/cchc/reciclagem%20educar%20para%20conscientizar.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2019.
- ALVES, V. A. et al. **De repente o rap na educação do negro**: o rap do movimento hip-hop nordestino como prática educativa da juventude negra. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/handle/tede/4870>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- ARAÚJO, P; MAMEDE, N. Classificador de poemas. *In*: Conferência científica e tecnológica em engenharia, Lisboa, 2002. Anais [...]. Lisboa: Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, 2002. Disponível em: <https://www.hlt.inesc-id.pt/documents/papers/2002Araujo.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- CAVALCANTI, J. N. A. Educação ambiental: conceitos, legislação, decretos e resoluções pertinentes e a formação continuada de professores em educação ambiental na Paraíba. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 71-82, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/3718>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CAMPOS, R. R. de. O rap como uma possibilidade para o ensino de Geografia. *Geografia*, v. 33, n. 2, p. 235-252, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/3043>. Acesso em: 04 jun. 2022.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

DANTAS, F. C; TORRES, R. M. A elaboração de projetos como metodologia de aprendizagem ativa para o ensino de ecologia na educação profissional técnica. **Revista brasileira de meio ambiente**, v. 8, n. 4, p. 2-13, 2020. Disponível em: <https://www.revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/484>. Acesso em: 03 jun. 2022.

FERREIRA, Tânia Maria Ximenes. **Hip Hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/359077>. Acesso em: 03 dez. 2019.

FOLADORI, Guillermo. O capitalismo e a crise ambiental. **Raízes**, ano XVIII, n. 19, p. 31-36, 1999. Disponível em: [http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo\\_42.pdf](http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo_42.pdf). Acesso em: 29 ago. 2019.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

GIORDAN, M; GUIMARÃES, Y.; MASSI, L.; Uma análise das abordagens investigativas de trabalhos sobre sequências didáticas: tendências no ensino de ciências. *In: Encontro nacional de pesquisa em educação em ciências*, 7., Campinas, 2011. **Anais [...]**. Campinas, UNICAMP, 2011. Disponível em: [http://www.lapeq.fe.usp.br/textos/ec/ecpdf/giordan\\_guimaraes\\_massi-enpec-2012.pdf](http://www.lapeq.fe.usp.br/textos/ec/ecpdf/giordan_guimaraes_massi-enpec-2012.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.

HENRY-SILVA, Gustavo Gonzaga. A importância das unidades de conservação na preservação da diversidade biológica. **Revista Logos**, v. 12, p. 127-151, 2005. Disponível em: <http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/190/UC.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

LEAL, Z. **Ensino de história entre rimas e ressignificações: História da república brasileira através do RAP**. 2022. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/63824?show=full>. Acesso em: 17 out. 2022.

LEITE, Eva Maia. **A utilização do hip hop como mediação pedagógica na escola estadual de ensino fundamental e médio professor José Baptista de Mello: possibilidades de mudança na prática docente**. 2016. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/10009>. Acesso em: 03 dez. 2019.

LEMOS, Evelyse. A aprendizagem significativa: estratégias facilitadoras e avaliação. **Revista Série-Estudos: Periódicos do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande, n. 21, p. 53-66, jan./jun., 2006. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/16653>. Acesso em: 15 out. 2019.

MACIEL, E. A; GÜLLICH, R. I. C; LIMA, D. O. Ensino de ecologia: concepções e estratégias de ensino. **VIDYA**, v. 38, n. 2, p. 21-36, jul./dez., 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/2396/2186>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

MACIEL, Adriana. As heterotopias sonoras do *rap*. **Ipotesi**, v. 20, n. 1, p. 144-152, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/index.php/ipotesi/article/view/19371>>. Acesso em: 03 dez. 2019.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percursos/article/view/49548>. Acesso em: 10 set. 2022.

MARCATTO, C. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002. *E-book*. Disponível em: [http://www.feam.br/images/stories/arquivos/Educacao\\_Ambiental\\_Conceitos\\_Principios.pdf](http://www.feam.br/images/stories/arquivos/Educacao_Ambiental_Conceitos_Principios.pdf). Acesso em: 20 set. 2019.

MENDONÇA, Silvia Regina Pereira. A matemática nas turmas de PROEJA: O lúdico como facilitador da aprendizagem. **Holos**, v. 3, p. 136-149, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4815/481549221013.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2019.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal**. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10832>. Acesso em: 03 dez. 2019.

MONTEMEZZO, L. F. **Um galho na árvore da música negra: movimento Hip Hop e Rap no ensino de história e nas relações étnico-raciais da educação básica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189298>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MUCELIN, C; BELLINI, M. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. **Sociedade & natureza**, v. 20, n. 1, p. 111-124, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n1/a08v20n1>. Acesso em: 19 out. 2019.

NOGUEIRA, Adriana S; GALDINO, Anderson L. Games como agentes motivadores na educação. *In: Seminário de jogos eletrônicos, educação e comunicação*, 8., 2012, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: [http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario-jogos/files/mod\\_seminary\\_submission/trabalho\\_12/trabalho.pdf](http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario-jogos/files/mod_seminary_submission/trabalho_12/trabalho.pdf). Acesso em: 04 dez. 2019.

PAULINO, Danilo Borges et al. WhatsApp® como recurso para a educação em saúde: contextualizando teoria e prática em um novo cenário de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 1, p. 171-180, 2018.

PEREIRA, S; CURI, R. Meio ambiente, impacto ambiental e desenvolvimento sustentável: conceituações teóricas sobre o despertar da consciência ambiental. **Reunir**, v. 2, n. 4, p. 35-57, 2012.

PINHEIRO, Raimundo Fonseca. Sustentabilidade, um fator de desenvolvimento do Homem. **Revista Eletrônica Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <http://revista.fmb.edu.br/index.php/fmb/article/view/38>. Acesso em: 04 dez. 2019.

REPOLHO, S. M; CAMPOS, D. N. S.; ASSIS, D. M. S. de; TAVARES-MARTINS, A. C. C.; PONTES, A. N. Percepções ambientais e trilhas ecológicas: concepções de meio ambiente em escolas do município de Soure, Ilha de Marajó (PA). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 66-84, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2541>. Acesso em: 3 jun. 2022.

SALDANHA, Larissa de Souza et al. O ensino de ecologia na floresta amazônica por meio de atividades práticas. **Educamazônia: Educação, Sociedade e Meio Ambiente**. Manaus, v. 13, n. 2, p. 142-154, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/9096/6548>. Acesso em: 3 jun. 2022.

SANTOS NARCIZO, Kaliane Roberta. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Porto Alegre, v. 22, p. 86-94, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2807>. Acesso em: 03 dez. 2019.

SILVA, Ângela. **Um olhar sobre a educação ambiental no ensino médio: praticar a teoria, refletir a prática**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/85470>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SILVA, M. P; LEITE, V. D.; Estratégias para realização de educação ambiental em escolas do ensino fundamental. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Porto Alegre, v. 20, p. 372-392, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/download/3855/2299>. Acesso em: 17 set. 2019.

SILVA, R. A. L; SOUTO, B. F. RAPensando a formação docente: experiências e reflexões sobre o uso do RAP no ensino de história. **Caderno pesquisa do cdhis**, v.31, n.1, p.254-277, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/download/46272/24812>. Acesso em: 04 jun. 2022.

SILVA, Tatiane Rezende. O lúdico no ensino de Ciências da Natureza: Gincana Água e Energia. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 03-07, 2017. Disponível em:

<http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RFEU/article/view/629>. Acesso em: 04 dez. 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. **Unidade 2-A pesquisa científica. Métodos de pesquisa**, v. 1, 2009. Disponível em: [http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09520520042012Pratica\\_de\\_Pesquisa\\_I\\_Aula\\_2.pdf](http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09520520042012Pratica_de_Pesquisa_I_Aula_2.pdf). Acesso em: 03 dez. 2019.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vânia; ARALDI, Juciane. **Hip hop: da rua para a escola**. 3ª - Edição - Porto Alegre: Sulina, 2008.

SOUSA, Victor Pereira. **Geografia e meio ambiente: reflexões acerca das práticas socioculturais na concepção de sustentabilidade**. Disponível em: <http://www.itr.ufrj.br/diversidadeegestao/wp-content/uploads/2016/12/13.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

SPADOTTO, Claudio Aparecido. Classificação de impacto ambiental. **Comitê de meio ambiente, sociedade brasileira da ciência das plantas daninhas**, 2002. Disponível em: [http://www.academia.edu/download/37678838/BOLETIM\\_SBCPD\\_2002\\_online\\_Spadotto.pdf](http://www.academia.edu/download/37678838/BOLETIM_SBCPD_2002_online_Spadotto.pdf). Acesso em: 01 dez. 2019.

SOARES, Josias Góis; DA CONCEIÇÃO LETTNIN, Carla. Hip Hop como proposta de trabalho na Educação Física Escolar: uma experiência no ensino médio do Colégio de Aplicação da UFRGS. **Cadernos do Aplicação**, v. 23, n. 2. 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/17192>. Acesso em: 03 dez. 2019.

TEIXEIRA, A. N. **O RAP na geografia: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de Geografia a partir da periferia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28844#:~:text=O%20presente%20trabalho%20tem%20como,sobre%20a%20periferia%20na%20Geografia>. Acesso em: 25 out. 2022.

TEIXEIRA, Thatiana Stacanelli; MARQUES, Érica Alves; PEREIRA, José Roberto. Educação ambiental em escolas públicas: caminho para adultos mais conscientes. **Revista Ciência em Extensão**, v. 13, n. 1, p. 64-71, 2017. Disponível em: [http://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/view/1370](http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1370). Acesso em: 04 dez. 2019.

**Submetido em:** outubro de 2022

**Aprovado em:** março de 2023